

# Morte em acidente cai com utilização do cinto

A116620

Luiz Vital

Após a polêmica inicial, o uso obrigatório do cinto de segurança no Estado já se tornou uma mania. Evidência de educação e segurança no trânsito, o uso do equipamento já começa a apresentar resultados. Estatísticas recentes elaboradas pela Polícia Militar revelam que caiu o número de vítimas fatais no trânsito e aumentou o número de acidentes sem vítimas. Embora a vigência da resolução do Conselho Estadual de Trânsito seja recente, os índices sinalizam uma alteração positiva. As vítimas do trânsito são os principais pacientes dos pronto-socorros da Grande Vitória. Médicos especializados em traumatologia, ortopedia e oftalmologia relatam as principais lesões sofridas nos acidentes e defendem o uso do cinto como forma de evitar ferimentos mais graves. Sobreviventes de acidentes graves falam de suas experiências e asseguram que foram salvos pelo equipamento. O diretor do Detran, Mário Natali, contesta as prefeituras que tornaram o uso do cinto facultativo e diz que vai acioná-las na Justiça. E mecânicos explicam que há casos de defeitos no equipamento, mesmo em veículos novos, e questionam a qualidade de algumas marcas.

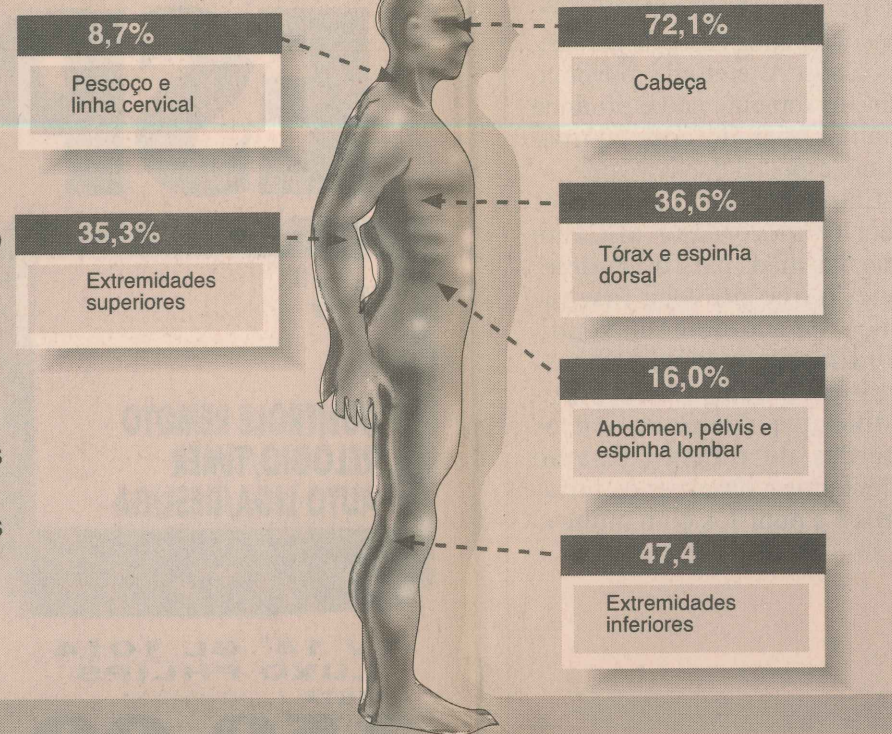
Instituído através de uma resolução do Conselho Estadual de Trânsito (Cetran), em primeiro de junho, o uso obrigatório do cinto de segurança no Estado já começa a apresentar resultados positivos. A exemplo de outras regiões metropolitanas do país, os acidentes de trânsito na Grande

região de maior incidência no Estado. Porém, enquanto 12 pessoas morreram no ano passado, este ano o número caiu para cinco. "Ainda é muito cedo para dizer que essa redução é reflexo do cinto de segurança", observa o major Michel Bassul, analista de sistemas da PM, e chefe do Centro de Operações da corporação.

Entretanto, o uso obrigatório do cinto de segurança não impede o aumento significativo dos

## Regiões mais atingidas

Freqüência dos ferimentos resultantes de acidentes automobilísticos, conforme as diferentes regiões do corpo. O estudo de 10.085 acidentes rurais que resultaram em lesões demonstra que a cabeça é mais freqüentemente atingida. A soma das porcentagens é maior que 100, devido às lesões múltiplas.

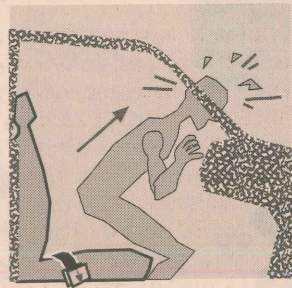


## Lesões nos acompanhantes

O carona não está protegido por cintos de segurança. Existem três mecanismos pelos quais as lesões se produzem na desaceleração repentina de um automóvel:

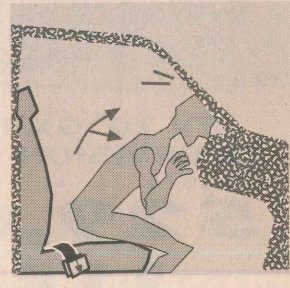
1

O acompanhante é projetado para cima e para a frente, batendo a cabeça no pára-brisa, e apresentará lesões e cortes na cabeça e no pescoço;



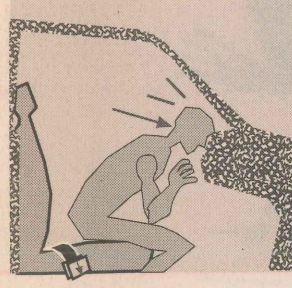
2

O passageiro bate a cabeça contra o pára-brisa e é projetado para baixo, batendo a face no painel de instrumentos. Esta combinação produz cortes e lesões, com esmagamento da face;



3

O passageiro é projetado para a frente, colidindo a face com toda a força contra o painel de instrumentos do carro. Esmagamento e dilaceração resultam deste tipo de situação.



região de maior incidência no Estado. Porém, enquanto 12 pessoas morreram no ano passado, este ano o número caiu para cinco. "Ainda é muito cedo para dizer que essa redução é reflexo do cinto de segurança", observa o major Michel Bassul, analista de sistemas da PM, e chefe do Centro de Operações da corporação.

ques não houve feridos. "A obrigatoriedade do uso do cinto é muito recente para se fazer uma verificação definitiva", salienta Bassul. Contudo, ele reconhece que os números já sinalizam uma tendência positiva. "Não se pode ignorar essa pequena redução", pondera. Ele observa, inclusive, que nos dois meses anteriores ao

## Obrigatoriedade é irreversível

Para o diretor-geral do Detran, coronel Mário Natali, o uso obrigatório do cinto de segurança no Estado é irreversível. Ele aponta aspectos positivos na medida e ressalta que já oficiou a Procuradoria Geral do Estado no sentido de que sejam acionadas judicialmente as prefeituras que tornaram facultativo o uso do equipamento nas áreas urbanas. Natali diz que as prefeituras não têm competência para legislar sobre o trânsito e que iniciativas desse tipo são ilegais.

No Estado, as prefeituras de Colatina e Conceição da Barra instituíram o uso facultativo. Em outras cidades, como São Mateus e Ibatiba, o diretor do órgão conseguiu convencer as prefeituras do contrário, segundo disse. Natali anunciou que houve uma redução no valor da multa para os infratores, antes estabelecida em R\$ 38,83. De acordo com Mário Natali, houve um erro de avaliação do Cetran, que corrigiu os valores, fixando a multa em 23 Ufirs, o equivalente a R\$ 17,39. O diretor do Detran disse que todos os motoristas multados pagarão as

multas em valores já corrigidos. No Espírito Santo estão registrados 437 mil veículos – a metade concentrada na Grande Vitória –, frota suficiente para provocar pouco mais de 30 mil acidentes de trânsito por ano. O diretor geral do Detran, coronel Mário Natali diz que a obrigatoriedade do cinto de segurança tem como objetivo reduzir os danos físicos. Ele observou que a multa para os infratores é sempre duplicada nos casos de reincidência. Natali defende que os ônibus urbanos não devem usar o equipamento, e não vê nesse aspecto uma discriminação da lei.

Entretanto, ele entende que nos ônibus interestaduais, ou naqueles de percurso maior, o cinto seja obrigatório. No trânsito urbano, ele avalia que haveria "muita confusão". O diretor do Detran adiantou que desde primeiro de junho já foram aplicadas 288 multas no Estado, o que considera um índice baixo, considerando o tamanho da frota. Os municípios com maior número de infrações são Linhares, Vila Velha, Serra, Vitória e Cariacica,

## Equipamento evita seqüelas

Traumatologistas e ortopedistas afirmam que nos acidentes de trânsito as lesões mais comuns ocorrem nos membros, na face e no tórax, e asseguram que o uso do cinto de segurança é fundamental para evitar os ferimentos mais graves. As vítimas de acidentes de trânsito são os pacientes mais freqüentes nos pronto-socorros dos hospitais. As unidades-referência para esses pacientes na Grande Vitória são o Dório Silva, na Serra, e São Lucas, em Vitória.

Especialista em cirurgias de cabeça e pescoço e traumas de face, o médico Evandro Duccini, do Hospital Dório Silva, diz que as lesões em acidentes de trânsito, em geral, são muito graves, porque são associadas, resultando em politraumatismos. Duccini atende diariamente a esse tipo de pacientes e diz que as lesões mais comuns são as fraturas, perfurações e afundamentos, que podem deixar seqüelas irreparáveis. "Ainda é muito cedo para se avaliar objetivamente os resultados práticos do uso obrigatório do cinto, mas já é possível verificar alguma mudança no quadro", observa.

### Riscos

Duccini diz que sempre pergunta aos pacientes se estavam usando o cinto de segurança no

no futuro. "A pessoa que não usa o cinto fica solta no interior do veículo, principalmente os caronas, e os riscos são reais", pondera. Duccini observa que, sem o cinto, o passageiro sofre o impacto do painel e do pára-brisa, e ainda pode ser jogado fora do carro.

Ele observa, ainda, que os pacientes potenciais são os adultos na faixa produtiva, e crianças e pessoas idosas são acidentados mais raros. "Esse é um aspecto importante, porque uma pessoa nesta faixa que fica mutilada, compromete a sobrevivência dos familiares", ressalta. Ortopedista do Hospital São Lucas, o médico Alarico Duarte Lima confirma a avaliação do colega. Lima diz que ainda não avaliou se houve uma redução de ferimentos graves entre os pacientes acidentados.

"O que posso concluir é que o uso do cinto certamente vai provocar mudanças, sobretudo em relação aos ferimentos mais graves, como os traumatismos de crânio e tórax", opinou. O médico observou que o cinto ajuda, mas não impede as lesões, considerando a violência do acidente. "São vários aspectos que envolvem um acidente desse tipo, mas o uso do cinto, com certeza, é importante", completou. Como no Dório Silva, no Hospital São Lucas as vítimas do trânsito são



**I**nstituído através de uma resolução do Conselho Estadual de Trânsito (Cetran), em primeiro de junho, o uso obrigatório do cinto de segurança no Estado já começa a apresentar resultados positivos. A exemplo de outras regiões metropolitanas do país, os acidentes de trânsito na Grande Vitória apresentam índices elevados. Contudo, as estatísticas já indicam uma redução, embora ainda pequena, nos números de mortes e lesões graves em

acidentes nas estradas. Um levantamento comparativo realizado pela Polícia Militar, no período de primeiro de junho a 19 de julho, do ano passado e este ano, revela que estão diminuindo as vítimas do trânsito.

Entretanto, o uso obrigatório do cinto de segurança não impede o aumento significativo dos acidentes no Espírito Santo. No mesmo período ocorreram 944 acidentes em 1994. Este ano houve um salto nos números para 1.333, apenas na Grande Vitória,

região de maior incidência no Estado. Porém, enquanto 12 pessoas morreram no ano passado, este ano o número caiu para cinco. "Ainda é muito cedo para dizer que essa redução é reflexo do cinto de segurança", observa o major Michel Bassul, analista de sistemas da PM, e chefe do Centro de Operações da corporação.

Outro aspecto analisado, segundo o oficial, é que no ano passado, em 803 acidentes, as pessoas envolvidas saíram ilesas. Esse ano, em 1.072 colisões e cho-

ques não houve feridos. "A obrigatoriedade do uso do cinto é muito recente para se fazer uma verificação definitiva", salienta Bassul. Contudo, ele reconhece que os números já sinalizam uma tendência positiva. "Não se pode ignorar essa pequena redução", pondera. Ele observa, inclusive, que nos dois meses anteriores ao uso obrigatório do cinto três pessoas morreram no trânsito. O oficial acredita que no fim do ano será possível uma avaliação mais precisa dos resultados.

veis. "Ainda é muito cedo para se avaliar objetivamente os resultados práticos do uso obrigatório do cinto, mas já é possível verificar alguma mudança no quadro", observa.

### Riscos

Duccini diz que sempre pergunta aos pacientes se estavam usando o cinto de segurança no momento do acidente. Segundo ele, é possível notar que o uso é generalizado e esse fato contribui para um quadro menos gra-

relação aos ferimentos mais graves, como os traumatismos de crânio e tórax", opinou. O médico observou que o cinto ajuda, mas não impede as lesões, considerando a violência do acidente. "São vários aspectos que envolvem um acidente desse tipo, mas o uso do cinto, com certeza, é importante", completou. Como no Dório Silva, no Hospital São Lucas as vítimas do trânsito são as responsáveis pelo maior número de atendimento no pronto-socorro, evidenciando uma trágica estatística.

## Vidas salvas por questão de cuidado

Não são epidemias ou crimes as causas do maior número de óbitos no país. É no trânsito que muitas pessoas morrem, em um ritual diário incontável. São muitos os estudos e pesquisas visando estabelecer normas de segurança capazes de conter os acidentes nas estradas, que também deixam um saldo incalculável de mutilados. Sobreviventes dessa "batalha" já não têm dúvidas de que o uso do cinto de segurança pode salvar vidas. É o caso do funcionário público Alessandro Bourguignon Nunes.

Na tarde de 21 de junho último, Alessandro viajava, como carona num Escort, de Belo Horizonte para Vitória, na BR 262. O pai, Joaquim Nunes, dirigia o carro em baixa velocidade. Em uma curva próxima a Venda Nova do Imigrante, a existência de óleo na pista fez com que o carro, desgovernado, capotasse quatro vezes. Alessandro conta que o carro virou três vezes, se chocou contra o **guard rail**, voltou a capotar e se arrastou pela pista. Alessandro diz que não esperava sobreviver. "Eu não acreditei quando percebi que eu e meu pai estávamos pendurados pelo cinto de segurança, totalmente ilesos".

### Crianças

Ele conta que apenas sofreu um arranhão no braço direito. O carro ficou totalmente destruído e foi vendido para um ferro-velho. "Não tenho dúvidas de que, se não fosse o cinto, as nossas chances seriam mínimas". Experiência semelhante passou a comerciante Isabela Portugal, proprietária de um restaurante em Jardim da Penha. Isabela e cinco familiares, incluindo duas crianças, seguiam de Linhares para Vitória, no mês passado, ocupando

uma Towner. Quando passavam por Carapina, na Serra, Carlos Ayres, que dirigia o carro, deprou com dois cavalos na pista.

Ele tentou desviar o veículo dos animais e uma das rodas subiu o meio-fio. Desgovernado, o carro capotou. Isabela conta que todas as pessoas usavam o cinto de segurança e nada sofreram. Hoje, Isabela diz que usa o cinto "até para ir à esquina". O economista Carlos Alberto Sarlo Wilken Júnior também enfrentou uma experiência perigosa e trágica, e foi salvo porque usava o cinto, segundo assegura.

### Marcas

No Carnaval deste ano, Carlos seguia em um Escort para a Bahia, no banco do carona. O amigo Maurício dirigia o carro. Carlos conta que viajavam à noite, até que aconteceu um grave acidente na BR 101, no trecho entre Linhares e São Mateus. O economista explica que o trecho estava em obras, muito escuro, e o nível da pista estava muito acima do acostamento. O carro acabou colidindo de frente com um caminhão. O amigo de Carlos acabou não resistindo aos ferimentos.

Carlos, entretanto, ficou preso ao cinto e sofreu apenas fratura em um dos braços. Ele diz que o choque foi tão violento que ele ficou com as marcas do cinto no peito por vários dias, como se fosse uma queimadura. "Se não estivesse com o cinto, seria jogado contra o painel ou para fora do carro, e não sei quais seriam as conseqüências", disse. Carlos Alberto revelou que já usava o cinto antes do acidente, mesmo na cidade. "Eu considero fundamental e, se não usar o cinto, me sinto inseguro e até incomodado", arrematou.



Foto de Joaquim Nunes

Alessandro Nunes sobreviveu a um acidente graças à utilização do cinto

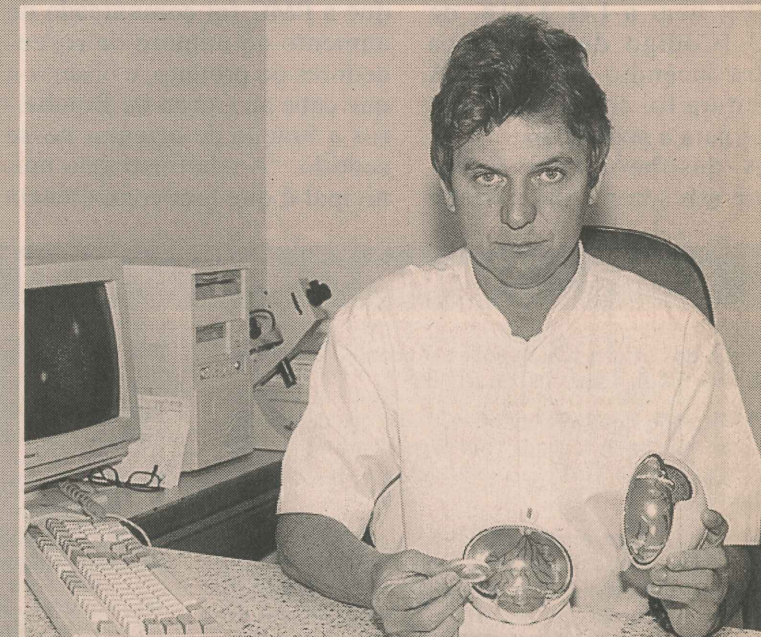


Foto de Chico Guedes

Ubirajara Moraes diz que uso de cinto reduz perfurações oculares

## Olhos são os mais afetados

Os órgãos mais expostos em uma colisão frontal e com lesões mais graves são os olhos, porque a reconstituição é mais complexa. A avaliação é do médico Ubirajara Moulin de Moraes, secretário geral da Sociedade Capixaba de Oftalmologia. A entidade, inclusive, lançou no Estado a campanha para que o uso do cinto de segurança se tornasse obrigatório. Segundo Ubirajara Moraes, pesquisas desenvolvidas garantem que, na maioria dos pequenos acidentes nas áreas urbanas, os olhos são os mais atingidos.

"O uso do cinto reduz em até 80% o índice de perfurações oculares", assinala. Segundo o médico, no Estado não existem estatísticas que possam comprovar mudança nessa situação, mas ele, como profissional da área, observa uma tendência favorável à redução dos números. Moraes assume a condição de "radical" quanto ao uso do cinto. Nas receitas que prescreve, Moraes sempre registra: "Evite a ce-

gueira, use o cinto de segurança". O médico explica que nos acidentes, as pessoas são jogadas para a frente, contra o pára-brisas, e a tendência é a de arregalar os olhos, tirando a proteção oferecida pelas pálpebras. Nesses casos podem ocorrer perfurações, esmagamento dos olhos, ou ainda o hifema – uma hemorragia provocada por um sangramento interno.

Segundo ele, esses casos são os mais graves e pode resultar em cegueira. Os cortes provocados por estilhaços são mais fáceis de ser tratados, segundo disse. "O ato de usar o cinto é importante porque é uma demonstração de civilidade, que inclui outros aspectos, como não beber no trânsito, não desenvolver alta velocidade, respeitar as leis e buscar a segurança das pessoas transportadas", analisa. Ubirajara Moraes alerta para o fato de que a fratura de um membro pode ser resolvida, mas uma lesão nos olhos pode significar perda definitiva.